



## **A participação das crianças no coletivo da OCS Ama e Afaga** *The Participation of Children in the OCS Ama and Afaga Collective*

CONCEIÇÃO, José Rubens Laureano<sup>1</sup>; SILVA, Adriane de Andrade<sup>2</sup>; MOURA, Catarina Henrique<sup>1</sup>; BARROS, Dorcelita Estevão<sup>1</sup>; PUGAS, Jeronimo de Souza<sup>1</sup>.  
<sup>1</sup> OCS AMA e AFAGA, joserubenslaureano@terra.com.br; <sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia, adriane@ufu.br

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia.**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

O grupo é formado por agricultores e agricultoras agroecológicos em Uberlândia-MG. A união desse grupo iniciou-se na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com foco no Centro de Incubação de Empreendimentos Populares e Solidários (CIEPS), que organizou desde 2010, grupos distintos formados por agricultores familiares, alguns dentro dos movimentos sociais pela busca da terra (MST, MLST, MPRA) e outras bandeiras, e também proprietários de chácaras (principalmente na região conhecida como Douradinho). Havia e ainda há a necessidade de organização da produção e entre esse grupo a idade média era formada mais por adultos e aposentados (55 anos) que estavam na busca por um resgate para a vida na terra. Desde o início, observava-se que havia uma falta de juventude, uma vez que os filhos já estavam em sua maioria acima de 25 anos e muitos trabalhavam na cidade. E as crianças? Dentro desse coletivo foi possível acompanhar 3 crianças (2 netos de um agricultor assentado no P.A Celso Lúcio, área popularmente conhecida como Carinhosa, e 1 filho de coração de um casal da chácara Douradinho). A idade e a observação dessas crianças se dão em diferentes épocas e as idades atuais são de 13, 8 e 7 anos.

Sempre quando se tem crianças dentro do grupo, elas costumam participar de todos os processos, pois retirando-se o tempo em que frequentam a escola, é necessário estar com elas por perto. O relato se dará em 2 momentos: 1) a experiência nas feiras agroecológicas realizadas aos sábados na UFU, onde são comercializados os produtos, 2) nas vivências nas hortas e mutirões agroecológicos, em que sempre os adultos além de orientar, auxiliam em apresentar os perigos e corrigir atos que possam ser considerados danosos, como o uso excessivo de internet e o uso correto das ferramentas de trabalho. Sim, a bronca muitas vezes faz parte do processo educativo e o diálogo para fazer parte da construção do conhecimento.

#### **Desenvolvimento da experiência**

Na construção das áreas agroecológicas: as crianças não têm uma obrigação nesse coletivo. A elas é destinado o convívio com os mais velhos, com a natureza e com os princípios da agroecologia (FIGURA 1). Mas, é informado que a vida na



terra deve ser respeitada, o motivo das ações realizadas e os cuidados e perigos que podem existir. As áreas já eram produtivas quando as crianças já tinham idade para frequentar as hortas (pois nesse grupo o produto principal ainda são as hortas, e um pouco de frutas). Sempre observou-se que era informado que a roupa de proteção era importante. Então a botina, a galocha sempre estavam presentes, assim como explicar que é importante ter as roupas para trabalhar, no sentido de roupas para se sujar, e preferencialmente, com blusas e calças compridas, pois pernilongos, abelhas, formigas, escorpiões, marimbondos e até cobras, podem estar no ambiente. Para crianças que não têm contato com os ambientes produtivos a ligação com esses insetos e outros animais presentes é diferente, eles nos alertam pois, se tem uma coisa que toda criança tem é a observação. “Cuidado tia, aí tem uma casa de marimbondos... Você já viu uma colmeia de abelhas no tronco de uma árvore? Essa cobra aí, ela é dormideira. Ela fica sempre escondidinha e enrolada perto das plantas. Ela não é perigosa não!” E assim os bichos são respeitados. Eventualmente, é claro que uma picada ocorre, mas entende-se que ali é o lugar de todos conviverem.

Na introdução de cobertura de canteiro, colocação de troncos de bananeiras, o processo vira uma brincadeira e pode ser atribuída às crianças a prática de realizar esse serviço, e assim eles constroem suas pontes, seus desenhos, seus caminhos e, em contrapartida, entendem que a água fica melhor retida nos canteiros. Outra coisa que as crianças adoram é colocar as mudas na terra e ver elas crescerem. O fato delas saberem que tudo na horta é orgânico, faz com que consumam os produtos, aprendam a comer os mais distintos tipos de folhas, frutas e verduras.

“Mas, por que tem que cortar a bananeira?” Às vezes a bananeira está ali para nos dar banana. Às vezes ela está ali para nos dar biomassa. Às vezes ela está ali para nos dar sombra. Às vezes ela está ali para fornecer água e nutrientes, para proteger as entrelinhas de canteiros. E assim, as crianças entendem que uma mesma coisa pode ter diversas funções na natureza.

As brincadeiras na infância são muito motivadas pelos ambientes em que as crianças são criadas. Nas propriedades rurais, há uma liberdade de se brincar ao ar livre, e entre as atividades dos adultos, têm algumas que as crianças se apropriam, como: brincadeiras de separação dos peixes em tanques (FIGURA 2), para devolver os menores para que eles possam crescer. Na agrofloresta, são mantidas algumas árvores frutíferas. Elas têm a função de formação desse extrato médio (citrus, amoreira, pitangas, jabuticabas) e também alguns extratos altos (abacateiros, mangueiras). Subir em árvores, também se torna uma brincadeira constante na vida do campo. É uma vitória conseguir superar os limites do medo, pegar a fruta madura no alto e entender que esse processo deve ser cuidadoso (FIGURA 3).



Figura 1 – Em um mutirão sendo observado e interagindo com os saberes agroecológicos.



FIGURA 3 – Olhar da criança na separação de peixes que irão retornar aos tanques.



FIGURA 3 – Subir na árvore, colher a fruta no pé, é agroecologia é ser criança.

O coletivo AMA e AFAGA se utiliza muito de mutirões como forma de controle social, em que as visitas são semanais. Assim, sempre que possível, as crianças estão ali presentes junto com seus familiares. E quando recebem visitas em suas casas, as crianças ficam eufóricas para mostrar a casa, seus animais e suas brincadeiras. Nesse momento, as crianças se misturam aos adultos e também participam ativamente. São solidárias ao irem buscar um carrinho de mão, ao trazer água e ao colher um tempero ou alguma folhosa.

A feirinha solidária da UFU e a comercialização: outro espaço em que as nossas crianças sempre estão presentes. Ali elas entendem que os produtos da horta são comercializados e tem a oportunidade de conversar com os consumidores, que se tornam amigos, pois dentro da agroecologia, há uma fidelidade muito grande. Então, os consumidores também são testemunhas do crescimento das crianças e observam que a felicidade está presente na vida delas. É uma forma diferente de lidar com valores, fruto desse contato com a natureza e produção.

Quem, quando criança, não gostava de brincar de lojinha? As crianças brincam de feirinha e essa brincadeira muitas vezes também é aprendizado. Pois a feirinha (FIGURA 4) além da venda de excedentes, trabalha com cestas em que as encomendas são realizadas com antecedência. E no momento da separação das cestas, eventualmente elas ajudam e se desenvolvem com a leitura dos pedidos, identificação de produtos (qual será a diferença entre os tipos de almeirão? E os tipos de bananas? E as Pancs – Plantas Alimentícias Não Convencionais?) é possível desenvolver a matemática somando os itens e os valores dos produtos. Ou simplesmente brincar ao redor da feira, jogar bola, brincar de pique esconde ou outras brincadeiras. O orgulho de pertencimento também é possível. “De onde vêm esses alimentos?” “Eles vêm da casa do meu avô. E ele planta e colhe para trazer



aqui, na feirinha.” “E lá na casa do seu avô usa veneno pra produzir esses alimentos?” “Não. Lá ele planta só orgânico e em sistema agroecológico.” “E as coisas são gostosas?” “São sim, eu gosto de tudo que vem de lá.”



FIGURA 4 – Presença de crianças e seus avós na feirinha agroecológica da UFU.

## Desafios

O principal desafio é que as crianças são poucas, então a participação delas em todo processo torna-se importante, tanto para as questões de sucessão de terra, quanto dos saberes agroecológicos. Nesse sentido, é importante que ocorra a valorização dos produtos, do trabalho, pois o êxodo rural sempre teve como base a busca por outras oportunidades. Mostrar para as crianças que a força do cooperativismo, das reuniões, dos manejos, do comprometimento com o meio ambiente e com a qualidade alimentar é importante.

Os jovens também são poucos nesse grupo, então alguns netos virão e muitos filhos não entrarão no processo produtivo. Esse é um desafio ainda não superado. Com a busca pela formação de agroindústria, regularização da atividade, abertura de mercados consumidores, espera-se que se agregue mais pessoas e com isso sejam incluídas mais crianças.

## Principais resultados alcançados

Identificamos que a presença de crianças é sempre uma benção, pois elas levam a reflexão do que é certo e do que é errado. E estar perto delas, nos permite visualizar que os ensinamentos são consolidados com as ações. Nem sempre o processo



formativo na agroecologia é sistematizado. Ele não é engessado em uma cartilha a ser seguida, ele é diverso. Então pelo olhar da criança entendemos que os princípios da agroecologia são passados para todo o grupo. Tenho a certeza que nossas crianças sabem o que é reunião e o motivo pelo qual elas acontecem com frequência. A certeza do poder da roda e da cooperação, e como os mutirões são produtivos e agilizam o trabalho no coletivo. O poder da alimentação saudável e como a diversidade de oferta de produtos e qualidade de alimentos leva a saúde até a mesa.

### **Disseminação da experiência**

A experiência de deixar as crianças participarem de todas as etapas da produção na OCS AMA e AFAGA é fruto da integração de todas as faixas etárias. E essa experiência deve ser utilizada por todos os grupos, pois as crianças recebem informações sobre os processos produtivos, a comercialização, a união e hierarquia entre todos os membros do coletivo. E respeitam não só seus pais, mas todos.